

«SEARA NOVA» N.º 1465

A sair em *Nov.* de 1967

Process enviadas à Censura em

*12* de *10* de *67*

ADEUS, AUGUSTO CASIMIRO!  
TEUS OLHOS SÃO O VER DUMA  
GERAÇÃO QUE NOS ORDENA:  
PARA A FRENTE!

QUASE seis anos depois da morte de Câmara Reis, neste Outono de 1967, nesta hora magoada, ainda aquecida por lágrimas de parentes, amigos e admiradores, as Parcas tecem sua líquida mortalha. Em hora melancólica e prepotente. No altar do sacrifício mítico um Povo fica à janela do quintal ou, sem buraco por onde entre a luz, adormece na escura intimidade de suas mansardas. Não são recensáveis as almas. E quantas almas estão vivas nesta hora rigorosa em que o vulto de Augusto Casimiro recebe o derradeiro adeus de seus amigos, parentes e companheiros da Seara? Quantas almas?

Sinto a inquietude da pequena multidão que ali se reuniu — imagino a profundidade das raízes destes seres, penetro os lares, busco sentimentos, sobressaltos de consciência, ambições, mágoas, energias, projectos acaso confluentes no Grande Devir da grei, da corrente comunitária da nação. Contemplo as ausências. A ausência dos que contradizem a presença destas almas vivas. E aparece-me o conforto resplandecente dos ausentes que nos seguem na distância. Ave, almas vivas, ave!

As Parcas tecem sua líquida mortalha. Hora amarga. Inverno de uma geração.

E cismo no voraz sacrifício pelo futuro. Poucos anos depois da morte de Câmara Reis, Jaime Cortezão, Aquilino Ribeiro, Vieira de Almeida, Joaquim de Azevedo, Azevedo Gomes... Anos depois de Raul Proença, Raul Brandão, Fernando Pessoa,



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

67

«SEARA NOVA» N.º 1465

A sair em *Nov.* de 1964

Provas enviadas à Censura em

*22* de *10* de *67*



Sá Carneiro, Afonso Duarte. Declinar da geração que manteve e prosseguiu, quanto lhe foi dado, a herança dos homens de 70. Símbolo da continuidade de um legado intelectual, duma inquietação itinerante. No cativoiro, no exílio, no ostracismo — persistência em sustentar o fogo, a luz da Consciência, da Arte, da Filosofia, da História. Homens de Letras. Poetas, romancistas, historiadores, críticos, ensaístas. Linhas de força prestes a quebrarem? Permanência para além da morte? Pedras vivas deixadas por Hermes nos trilhos da Morte dos heróis?

E no silêncio sombrio a voz de Augusto Casimiro enche o nada. A palavra de Augusto Casimiro em luminosa ressurreição:

«Quando nos deixam os que admiramos e amamos, sentimo-nos mais pobres, morre alguma coisa em nós. A Morte parece-nos mais próxima e acordamos para ela. Adivinhamos, porém, os mais vivos, os mais puros, mais imperativos valores e deveres humanos. Porque os nossos mortos fazem-nos a dádiva que nunca deixa de enriquecer-nos e aumenta o património da Vida. Os mortos fazem parte do património comum e essencial de cada Pátria — os que não traíram e nos deixaram o seu exemplo. O último a deixar-nos, apesar da morte, fica mais próximo de nós. Está connosco. Como todos os que tombaram. Como os que se demitiram da equipagem, mas continuaram, fosse qual fosse a razão do feito, fiéis ao essencial... E o nosso navio mantém o rumo, continua a rota necessária. Continuaremos a lavoura e a sementeira, seareiros!»

Viverá a palavra quando ela é viva.

ALBERTO FERREIRA